

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Programa de Pós-graduação em Antropologia
Júlia Cotta Lima de Oliveira

FRAGA, Walter. 2016. SLAVES AND MASTERS ON SUGAR PLANTATIONS IN THE LAST DECADES OF SLAVERY. Em *Slavery and post-emancipation in Bahia Brazil. 1870-1910*. Págs. 9-29. Durham and London. Duke University Press.

Versão em português:

FRAGA, Walter. 2006. *Escravos e Senhores de engenho nas últimas décadas da escravidão*. Em: *Encruzilhadas da Liberdade: Histórias de Escravos e Libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP.

O livro *Encruzilhadas da Liberdade: História de Escravos e Libertos da Bahia (1870-1910)*, do historiador Walter Fraga, procura reconstruir as histórias de vida dos escravizados que viviam nas fazendas de açúcar no Recôncavo Baiano. O objetivo do autor é analisar as experiências da escravidão, refletidas nos cotidianos dos libertos, que direcionaram as formas culturais, econômicas e sociais e condicionaram suas escolhas e seus projetos de liberdade.

Esse fichamento se restringe ao capítulo um “*Escravos e Senhores de engenho nas últimas décadas da escravidão*”. O capítulo é dividido em três partes. Na primeira parte, *No mundo dos engenhos*, Fraga busca situar o cenário de investigação que se dá esse livro, apresenta o processo de colonização do território brasileiro, pelo Recôncavo Baiano, através de conflitos territoriais com os indígenas da região. Aborda a introdução do comércio atlântico de escravizados como mão de obra para os engenhos de açúcar, tornando o Recôncavo - São Francisco, Santo Amaro e Cachoeira - os maiores engenhos baianos.

Fraga expõe que a partir de 1870 as lavouras açucareiras mergulharam numa crise até o final do século XIX.

(...) A queda dos preços do açúcar nos mercados externos e a concorrência do açúcar da beterraba diminuíram o volume de exportação do produto. Para agravar a situação, a lavoura açucareira, extremamente dependente do trabalho escravo, vinha sofrendo as consequências da extinção do tráfico africano, em 1850, e das sucessivas leis emancipacionistas das décadas de 1870 e 1880 (FRAGA, 2006, p. 31).

Contudo, mesmo com esse cenário desfavorável, no final do século XIX, o Recôncavo era a economia mais importante da região, mais densamente povoada e com maior número de escravos em idade reprodutiva. O autor explica que isso se deu devido a resistência dos donos de engenhos ao fim da escravidão, de acordo com os abolicionistas era o recôncavo açucareiro, o maior reduto anti-abolicionista da província.

Fraga, por meio de inventários dos senhores de engenho, apresenta tabelas com dados quantitativos das características da população escravizada – gênero; etnia; grupos familiares;

faixa etária e ocupação - por engenhos. Destaca que as famílias crioulas de laços familiares extensos se destacaram nas definições de estratégias e escolhas pós abolição. Ele pontua que as redes extensas de parentescos consanguíneos, a proximidade geográfica dos engenhos, o intercâmbio de escravizados entre as fazendas, os rituais, as festas, os batismos e os casamentos fortaleceram as comunidades e as estratégias de sobrevivência.

Algumas dessas estratégias - fugas, sabotagens, compra e negociações de alforrias - junto a proibição do tráfico, mortes de escravizados e leis emancipacionistas fizeram reduzir cada vez mais a mão de obra escravista, fazendo com que os senhores de engenhos tivessem que criar estratégias para manter a produção; aluguel de escravos; deslocamento de escravizados de fazendas em fazendas; emprego de trabalhadores assalariados, etc. Mas estratégias essas, que não eram suficientes para abandonar de vez a escravidão, já que períodos chuvosos e alternativas de trabalho faziam com que a oferta de trabalhadores livres fosse incerta. No final do capítulo, o autor apresenta a ocupação dos escravizados no período, para destacar que com o fim da escravidão, muitos recorreram a esses ofícios para sobreviver no mundo urbano.

Na segunda parte, nomeada *Sobreviver nos engenhos*, por meio de diários de senhores de engenho, o autor explana sobre a distribuição dos alimentos, roupas, concessões, dinheiro e diversas remunerações que eram concedida pelos senhores aos escravizados, ao longo dos períodos de produção de açúcar. E as diversas outras formas que os escravizados se inserem no circuito do açúcar, de alugados à lavradores fornecedores de cana.

O autor demonstra que nesse cenário, os escravizados também desenvolveram diversas e versáteis formas socioeconômicas de sobrevivência, relacionada ao ambiente em que viviam, em parceria com outros escravizados e até mesmo com senhores, criando animais como galinhas e bois, fazendo suas roças, virando mariscadores. Todo esse movimento abriu possibilidades de alcance de alforrias e de projetos de liberdade.

Analiso que o autor reforça a tese da ambiguidade do que Schwartz(2001) chama de “brecha camponesa” um processo de concessão dos senhores, para que os escravos possam produzir suas roças, ao mesmo tempo deu maior liberdade e autonomia aos escravizados, porém contribuiu para a economia e subsistência dos engenhos, maior controle dos senhores dos escravizados, que com suas próprias roças, conseqüentemente com aumento da família, tendiam a fugir menos.

Contudo, o autor coloca, que roças também se tornaram espaços de conflitos - entre os próprios escravos pela produção e pertencimento e em relação aos senhores - pois criou-se entre os escravizados o senso de direitos sobre suas terras, fazendo com que os senhores

criassem estratégias, como proibição ou menos tempo livre de cultivo das roças, para diminuir essa perspectiva libertária. As roças então, tinham funções para além do econômico, como também étnica, o autor dá ênfase que muitos libertos, permanecem no local, devido a suas roças.

O autor também analisa as feiras como locais estratégicos para os escravizados, pois nela se podia, fazer dinheiro vendendo os produtos das roças, ter acesso a bens não produzidos no engenho, estabelecer redes de relações com outros escravizados e libertos. Segundo o autor, essas relações, as roças e as feiras, eram meios de se buscar a liberdade e assegurar a vida pós escravidão.

Esse cenário resultou de uma série constante e mutável de acordos e negociações entre escravizados e senhores que deu maior liberdade de circulação e possibilidades de venda da força de trabalho, conseqüentemente a isso, as punições vindas dos senhores tentavam desmobilizar e enfraquecer essas estratégias, controlando o tempo livre, aumentando do trabalho nos engenhos e os castigos físicos e punições. O resultado disso foram muitos conflitos, rebeliões, fugas e insubordinações diante dos excessos de trabalho. O autor então finaliza essa parte, inserindo nesse contexto a conjuntura política da época, em que tensões abolicionistas, atormentavam as estruturas dos engenhos e fortalecem a busca pela liberdade dos escravizados.

A terceira e última parte *Fugas e perspectivas de liberdade*, o autor procura trazer as leis e determinações abolicionistas que estavam tensionando a vida dos engenhos e a manutenção da escravidão, como Lei do Ventre Livre, principal lei que contribuiu com a abolição legal; a criação de fundo de emancipação dos escravizados; a necessidade de matrícula escrava etc. Essa conjuntura passa a reconhecer diversos direitos escravos adquiridos pelo costume e pela luta. O autor pontua que em resposta, diversas foram reações dos escravistas, como as acusações de que o Estado estava violando a propriedade privada.

Fraga expõe que nesse cenário, se amplia os atores na arena de disputa pela abolição da escravatura. Fraga destaca principalmente os conflitos entre senhores de escravos envolvidos em processos libertários; de compra e venda de escravos parentes de outros engenhos e enfatiza que esse contexto ampliou ainda mais as possibilidades de liberdade.

Em todo esse processo os escravizados foram encontrando brechas no sistema jurídico para buscar a liberdade, muitos escravizados não matriculados realizaram fugas para a cidade, muitos presos não resgatados conseguiram suas alforrias por valores mais baixos, alguns acionaram a justiça para intermediar vendas, conflito, maus-tratos. Segundo Fraga, a polícia começou a interferir diretamente nas relações escravizados e senhores, determinando alforrias,

advertindo os maus tratos, até mesmo transferindo escravizados para outros engenhos, determinado pelo desejo do mesmo de “não servir mais, seu dono”.

Além das mudanças institucionais e da postura de algumas autoridades, os escravos perceberam que, nas cidades, o movimento abolicionista se tornava cada vez mais forte. Os abolicionistas prestavam assistência jurídica, negociavam com os senhores as condições da liberdade, ofereciam proteção aos cativos que aguardavam o desfecho de seus pleitos na justiça. examinavam os livros de matrículas para verificar alguma omissão ou descuido dos senhores, redigir petições ou se apresentavam como advogados em ações promovidas contra os senhores, promoviam eventos e conferências para divulgar o abolicionismo. Nessas ocasiões arrecadavam dinheiro para a alforria dos escravos. (FRAGA, 2006, p. 53)

Esse movimento fez com que os escravizados se mobilizassem para Salvador, sendo o principal objetivo se misturar à população negra e mestiça, empregando em obras públicas, dificultando a ação da polícia em suas buscas. Os laços de parentesco e amizade com livres eram as principais bases dos escravizados que fugiam, essa rede segundo o autor, foi também a principal frente atacada pelos senhores como base das fuga dos escravizados. O autor coloca que a fuga para outros engenhos também era uma estratégia, pois a escassez de mão de obra escrava, acirrou a disputa entre os senhores de engenho, os escravos fizeram então uso da conjuntura para se proteger.

Dessa forma Fraga finaliza concluindo que a disputa dos senhores de engenho, pelos escravizados, as leis emancipacionistas, “(...) a perda da legitimidade da escravidão e a crescente influência do abolicionismo combinaram-se e interagiram de variadas e imprevisíveis maneiras com as iniciativas dos escravos”(FRAGA, 2006, p.56) fazendo com que estes criassem seus próprios projetos de liberdade.

Assim, por meio de diversas fontes como diários, notas contábeis, inventários dos senhores, Fraga aborda a conjuntura dos engenhos e as tensões do período anterior abolição da escravatura, que fizeram com que tanto os escravizados criassem estratégias para se libertar e viver, quanto os senhores de engenhos tivessem que reeditar estratégias para manter o trabalho escravo. Apresentando muitos casos, que tencionaram os senhores e o poder público quanto a direitos dos escravizados e a eliminação do sistema de escravidão, o autor é capaz de inserir o leitor no contexto analisado e demonstrar sua hipótese dos reflexos da experiência da escravidão nos projetos de liberdade dos escravizados.